

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

## 9. A Construção da adolescência e as Tribos urbanas

**Responsável NEL-Guatemala:** Luisa Aragón

**Participantes:** Adolfo Ruiz (miembro NEL-Medellín), Alejandro Reinoso (miembro NEL-Santiago), Adriana Chacín (NEL-Maracaibo), Gloria María Ruiz (NEL-Guatemala), Marianna Tulli (NEL-Maracaibo), Pany de Michel (NEL-Guatemala)

### Agrupamentos juvenis e construção da adolescência

A adolescência é uma etapa na qual cada um busca seus apoios, sobretudo através de seus semelhantes.<sup>1</sup>

### À guisa de introdução

A frase de Hélène Deltombe que nos serve de epígrafe destaca, de entrada, o lugar do vínculo com o outro, com os semelhantes, no momento e processo adolescente, e abre o tema de nossa Conversação. De acordo com as descrições de Le Breton, em muitos momentos da história e por múltiplas determinações, os jovens parecem haver estado em condições nas quais o agrupamento foi um fator crucial. Estabelecido pelo Outro social, este agrupamento tinha o propósito de que o olhar dos mais velhos assegurasse que nenhum jovem se subtrairia das situações e provas que o conduziria a ocupar um lugar de adulto na sociedade.<sup>2</sup>

Em outras ocasiões, mais além do olhar do Outro adulto, e inclusive para escapar dele, os jovens tendem a agrupar-se por si mesmos. É assim que durante o século XIX se observa que

---

<sup>1</sup> Deltombe, H., *Salir de la adolescencia. Adolescencias por venir*. Madrid: Gredos. 2012, p. 127.

<sup>2</sup> Cfr. Le Breton, D., *Una breve historia de la adolescencia*. Buenos Aires: Nueva Visión. 2014

“Uma sociabilidade juvenil põe em jogo uma afirmação viril, da busca da embriaguez, o gozo do enfrentamento com outros, a busca de relações sexuais, etc.”.<sup>3</sup>

### **Agrupados-desagrupados**

Convocados a conversar sobre a articulação entre as “tribos urbanas” e a construção da adolescência, nos perguntamos em que se distinguem hoje as tribos urbanas ou agrupações juvenis, que função cumprem e que lugar tem estes espaços que, para alguns adolescentes, substituem o referente tradicional, familiar e social?

A fórmula “tribos urbanas” foi perdendo consistência ao longo da conversação. Interrogados pelo uso, os alcances e limitações que tem como conceito sociológico, fomos nos acercando de fenômenos mais atuais – conjuntos e subconjuntos que podem englobar, mas não homogeneizar as diferentes modalidades de laços existentes-, e decidimos nos orientar pela vertente dos agrupamentos juvenis que respondem, sem dúvida, a um ponto de viragem e importância na adolescência.

J.-A. Miller assinala que os agrupamentos separam os adolescentes dos adultos. Em alguns casos isto tem uma vertente problemática que responde, ao menos em parte, à posição dos adultos. “Agora, fazemos os adolescentes viverem entre eles, isolados dos adultos, e numa cultura própria, em que eles tomam uns aos outros como modelos. São culturas suscetíveis a modas, a entusiasmos...”<sup>4</sup> O caráter passageiro explica em parte que as “tribos urbanas”, que em um momento tiveram um auge e monopolizaram de alguma maneira a cena social dos adolescentes, hoje estão praticamente desaparecidas. Mas culturas e agrupamentos juvenis continuam existindo.

Hoje, afirma também Miller, “Se realiza uma socialização, mas não no modo ritualizado da entrada na vida adulta, e sim sob a égide do rechaço e da exclusão. Ela dá nascimento a uma fraternidade igualitária”.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> *Ibidem*. p. 24.

<sup>4</sup> Miller, J.-A., En dirección a la adolescencia. Revista *Registros*. Año 13, Buenos Aires: Ricardi, 2016, p. 13.

<sup>5</sup> *Cfr.* Miller, J.-A., Prólogo para Damasia. *El adolescente actual. Nociones clínicas*. Buenos Aires: Universidad Nacional de General San Martín. 2015, pp. 9-13.

## **Tribos, agrupamentos e comunidades de gozo**

Nos agrupamentos nem sempre está em jogo o mesmo. Alguns oferecem, de certa maneira, uma via ao desejo, com a recuperação de gozo que é inevitável. Sempre em impasse com o Outro, estes agrupamentos servem ao adolescente, pois se por um lado os separa, por outro, contribuem para que ele possa ter um lugar no Outro. Nestes casos seria possível considerar que a identificação com o grupo poderia ser “intermediária” em direção a uma solução pela via do Ideal do eu, a qual Lacadée considera que “equivale ao ponto de capitonê que estabiliza o sentimento de vida, que dá ao sujeito seu lugar no Outro e sua fórmula. Ali, está o ponto de apoio, o “*ponto desde onde*” o adolescente consegue ver-se digno de ser amado, ver-se amável por outro que saiba dizer sim ao novo, ao real da libido que surge nele”.<sup>6</sup>

Outros agrupamentos juvenis tomam o caráter das chamadas comunidades de gozo e costumam acentuar ao máximo a ruptura e a separação do Outro. O que se privilegia nestes agrupamentos é um gozo que não se amarra e que abre, inevitavelmente, a via da pulsão de morte. Afirma Lacadée: “O adolescente que não aposta na função da paterna, tampouco no peso de sua palavra, sente-se desamparado e só, tentado a defender-se por meio de um modo de gozo que funciona como lugar de existência”.<sup>7</sup> Estes agrupamentos favorecem identificações mais débeis, mas ao mesmo tempo menos maleáveis, mais rígidas.

Em relação às “tribos urbanas”, Sinatra propõe que nesta época do Outro que não existe, onde impera a lógica do não-todo, estes agrupamentos surgem para resistir à inexistência do todo. Diz que se configuram “na coalescência saber + gozo”. “O elemento aglutinante das tribos parece ser um gozo extimo: exclusão do universo social com inclusão solidária no grupo; marginalização das leis do Outro com inserção fortemente normativa em sua micrototalidade”.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> Lacadée, Ph., Un yo apurado por encontrar el lugar y la fórmula. Documento de Internet.

<sup>7</sup> Lacadée, Ph., Los sufrimientos modernos. *Psicoanálisis con niños y adolescentes 4*. Buenos Aires: Grama. 2014.

<sup>8</sup> Sinatra, E., La feminización del mundo: el nuevo orden del toxicómano. *Virtualia* N° 25. Revista digital de la EOL.

## Pontos que fazem a construção da adolescência

Situamos a adolescência e sua construção na perspectiva da reposta que o sujeito deve produzir frente à emergência de um real e, em consequência, como sintoma da puberdade (Stevens),<sup>9</sup> e também do trabalho do adolescente para encontrar “o lugar e a fórmula” (Lacadée).<sup>10</sup>

Diante da pergunta sobre o que é a adolescência em psicanálise, Miller situa 3 pontos:

- *A saída da infância.* Momento de levar em consideração, dentre os objetos do desejo, o que Lacan isolou como o corpo do Outro.
- *A diferença dos sexos.* Tal como se estabelece no período da puberdade e da pós-puberdade e que representa uma escansão na história da sexualidade.
- *A imiscuição do adulto na criança.* A antecipação da posição adulta na criança.<sup>11</sup>

Tomaremos estes pontos como referente geral para situar como, na busca e construção por parte do sujeito de soluções frente ao real que emerge e desestabiliza na adolescência, o agrupamento encontra uma função.

Em *Hablo a las paredes* (Estou falando com as paredes), Lacan assinala que os meninos vão em grupo:

Todos se seguram pela mão, ainda mais que, se não se segurassem pela mão, seria preciso cada um enfrentar a menina sozinho, e disso eles não gostam. Com as meninas, é outra história [...] elas se agrupam duas a duas.<sup>12</sup>

Laurent Dupont pontua que o grupo de meninos ou dupla de meninas vêm proteger o sujeito adolescente das perguntas que lhe gera angústia. Como ser um homem ou uma mulher? Como se encontra o outro sexo? Como podem encontrar-se os corpos? Como fazer laço social?<sup>13</sup> Tais perguntas estão no coração do que podemos considerar o processo adolescente.

---

<sup>9</sup> Cfr. Stevens, A., *La adolescencia, síntoma de la pubertad. Actualidad de la clínica psicoanalítica*. Buenos Aires: Centro Pequeño Hans/Ediciones Labrado. 1998.

<sup>10</sup> Lacadée, Ph., *Un yo apurado por encontrar el lugar y la fórmula*.

<sup>11</sup> Miller, J.-A., *En dirección a la adolescencia, op cit.*, p. 14.

<sup>12</sup> Lacan, J., *Hablo a las paredes*. Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 92-93.

<sup>13</sup> Cfr. Dupont, L., *El adolescente y el escabel. Boletín Zappeur* N° 3. <http://ampblog2006.blogspot.com.co/>

## Assuntos de família, ritos e desfamiliarização

Freud situa os assuntos de família em um lugar central do processo adolescente. Salienta que o adolescente tem a tarefa de sair da família, desprender-se da autoridade dos pais, processo que qualifica de importante e doloroso,<sup>14</sup> e que é contemporâneo ao de constituir uma relação com um objeto novo. Em *El malestar en la cultura* (O mal-estar na civilização), afirma que “desprender-se da família torna-se para cada jovem uma tarefa cuja solução a sociedade tende a apoiá-lo, mediante ritos de puberdade e iniciação”.<sup>15</sup>

Com referência às proposições de Lacan, La Sagna assinala que o encontro do objeto servirá para a separação do sujeito e do Outro.<sup>16</sup> Este objeto novo, próprio, singular supõe uma primeira diferenciação a respeito do Outro parental e sucessivamente, neste caso, do Outro grupal. O grupo oferece um corte, uma separação e extração de um objeto frequentemente compartilhado.

O objeto será singular em sua novidade quando emergir um desejo não anônimo encarnado, diverso do desejo anônimo do grupo, de traço unívoco.

Miller<sup>17</sup> equipara o lugar de um grupo e sua constituição ao da família. Se entendemos que família “é estar dentro de uma história que alguém também escreve”,<sup>18</sup> na adolescência quando o sujeito é chamado a produzir uma resposta, uma amarração que definirá nele uma nova modalidade de relação com o gozo, é necessário que o adolescente assuma a parte da escritura de sua própria história. Certa desfamiliarização é, então, necessária e própria da adolescência.

Com relação à construção da adolescência, Miller situa o rito como operante e diz que “faz nó, nó de três, borromeu, do real, do simbólico e do imaginário. Esse nó, é ele que não se faz

---

<sup>14</sup> Freud, S., Las metamorfosis de la pubertad. *Obras completas*. Tomo VII. Buenos Aires: Amorrortu. 1980, p. 201.

<sup>15</sup> Freud, S., El malestar en la cultura. *Obras completas*. Tomo XXI. Buenos Aires: Amorrortu. 1982, p. 101.

<sup>16</sup> Cfr. La Sagna, Ph., La adolescencia prolongada, ayer, hoy y mañana. *Adolescencia por venir, op cit.*, pp. 43-46.

<sup>17</sup> Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la Clínica Lacaniana*. RBA Libros: Barcelona. 2006, p. 345.

<sup>18</sup> Salman, S., Lo que hace familia y la excomunión. Documento de Internet.

mais, que se faz mal, que se tarda em fazer-se”.<sup>19</sup> Com o enfraquecimento da ordem simbólica os adolescentes se apoiam nos agrupamentos de pares em sua busca de recursos para desfazer algo do nó familiar. Como expressa um adolescente de hoje: “o importante é sair de casa e encontrar com gente que se pareça comigo”.<sup>20</sup>

Em *De la naturaleza de los semblantes* (Da natureza dos semblantes), Miller comenta algo relativo à desfamiliarização. Diz que as formas ritualizadas do desapego da família as,

[...] encontramos nas sociedades primitivas, que escandem e organizam o afastamento do sujeito de seus interesses libidinais familiares, para entrega-lo, ao grupo humano mais amplo que constitui o povo, a tribo [...]destacando a necessidade de desfazer o nó familiar. [E conclui] Em certo sentido alguém se analisa também para desfazer este nó, como equivalente do rito de passagem que não se cumpriu.<sup>21</sup>

### **A língua comum - a língua própria**

Somos falados pela família; “nossa família nos fala”.<sup>22</sup> Miller assinala que “Lacan vincula o tema da família com a língua. A língua que cada um fala é coisa de família”,<sup>23</sup> dessa língua, cada um faz a sua, sua língua. Ninguém fala a língua comum. Cada um fala sua própria língua”.<sup>24</sup>

Algo da língua própria entra no agrupamento e é preciso ver como se recorta. “Cada sujeito tritura à sua maneira a língua de sua tribo, a língua comum que fala. Deste modo, o sujeito

---

<sup>19</sup> Miller, J.-A., Prólogo para Damasia, *op. cit.*, pp. 9-13.

<sup>20</sup> Castrillón, S., El desasimiento del padre en la adolescencia. (Inédito).

<sup>21</sup> Miller, J.-A., *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós. 2001, pp. 132-133.

<sup>22</sup> Lacan, J., “El seminario 22. RSI”. Clase del 16-7-1975. (Inédito).

<sup>23</sup> Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. *Introducción a la Clínica Lacaniana*. Conferencias en España. Barcelona: RBA-Libros, p. 341.

<sup>24</sup> Brodsky, G., Intervención en la Noche del Comité de Acción de la Escuela Una, hacia el VIII Congreso de la AMP, lunes 27 de junio de 2011. Documento de Internet. Disponible en:

[http://www.congresoamp.com/es/Actividades-preparatorias/11-06-27\\_Noche-del-Comite-de-Accion-de-la-Escuela-Una/Graciela-Brodsky.pdf](http://www.congresoamp.com/es/Actividades-preparatorias/11-06-27_Noche-del-Comite-de-Accion-de-la-Escuela-Una/Graciela-Brodsky.pdf).

consegue dizer seu fantasma utilizando as palavras de sua língua, de sua tribo, mas as homofonias as equivoca de uma maneira completamente particular”.<sup>25</sup>

O adolescente é um sujeito em impasse. O real que surge nesse momento faz com que qualquer palavra que venha do Outro não seja confiável, pois não corresponde com o que lhe ocorre.

Vincular-se com algum dos múltiplos grupos e culturas juvenis pode servir a um sujeito para suprir as palavras que lhe faltam nesse momento subjetivo em que ele necessita explicar isso que emerge e o mobiliza. Estes agrupamentos oferecem aos adolescentes algumas significações, proveem-lhes um discurso, conectam-lhes a seus iguais (diferentes) e proporcionam-lhes, em alguns momentos, um “estilo de vida”, uma maneira de estar no mundo e, sobretudo, de habitar seu corpo.

### **Relação entre o fantasma e o estatuto do Outro**

“Não há adolescente sem Outro”.<sup>26</sup> Na adolescência, a relação com o Outro (social, escolar e parental) entra em um *impasse*. Os ideais que o sujeito sustentava até esse momento são questionados e em alguns casos, rechaçados. Há em alguns adolescentes uma espécie de separação brutal do Outro, fato que tem múltiplos efeitos.

A irrupção do real que surge na adolescência implica uma rearticulação do sintoma e do fantasma infantil.<sup>27</sup> A respeito do jogo infantil, Freud sustentava que os adultos o substituíam diretamente pela fantasia.<sup>28</sup> Deste modo, a satisfação que a fantasia proporciona permite uma consolação frente à angústia de castração. Lacan mostra no grafo do desejo que o fantasma permite fazer frente ao significante da falta do Outro  $S(A)$ , a castração, permitindo que o desejo possa operar, depositando nas imagens do fantasma (*a* é imaginário nesse momento do

---

<sup>25</sup> *Ibidem*.

<sup>26</sup> Cocoz, V., La clínica de las adolescencias: entradas y salidas del túnel, *op. cit.*, p. 106.

<sup>27</sup> Stevens, A., Cuando la adolescencia se prolonga. *Revista Área* N° 10. El psicoanálisis y las patologías de época. Año 9. Córdoba. 2001.

<sup>28</sup> Freud, S., (1908) El creador literario y el fantaseo. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993, pp. 123-135.

ensino) uma satisfação possível frente à falta no Outro. Assim, fantasiar e desejar caem amarrados entre S(A) e o circuito pulsional. Há aí uma inscrição operante no segundo piso do grafo.

Agora, o que sucede com o fantasma do adolescente se não há Outro barrado frente ao qual responder localizando o gozo? O que ocorre com o sujeito adolescente se os pais não ocuparam esse lugar, porque o deixaram cair? Nesta época, a fragilidade do laço familiar e a desautorização dos pais para fazer transmissão de um algum Ideal dificultam a instalação do Outro barrado que ponha em função o desejo do Outro.

Nesse contexto, de que maneira os agrupamentos consistentes ou de maior consistência intervêm na configuração e construção do fantasma nos adolescentes?

Em primeiro lugar, se o Outro não está barrado se produz no sujeito um desfalecimento fantasmático e, portanto, uma queda do desejo em sua função desejante em relação a um objeto causa. Se desarticula o segundo piso do grafo e as identificações se cristalizam. Em relação à pulsão, frente à angústia, a passagem ao ato aparece com uma via para separar-se do Outro, sobretudo se esse Outro consistente empurra ao pior. A coisa está eclipsada, há uma vontade de gozo sem escansão, há ausência de um Não lógico que dificulta também o Sim, que dessubjetiva e impede a dialetização com um outro.

Outro ponto chave são os “fantasmas compartilhados”<sup>29</sup> ou “fantasmas coletivos”<sup>30</sup>. Que dizer, que se o fantasma fundamental é único e singular, haveria certos traços particulares de efeito de grupo por via fantasmática. Já não se trata de agrupamento por meio de identificações com um S1, próprio dos agrupamentos tradicionais, senão que o mesmo se faz a partir do compartilhamento de alguma prática de gozo no corpo, como o *cutting* ou práticas compartilhadas de anorexia-bulimia, jogos online, etc., sempre na linha metonímica, quer dizer, de onde não se pode parar nem gerar escansão ou pausa.

---

<sup>29</sup> Laurent, E., Populismo y acontecimiento del cuerpo. *Lacan Quotidien*. N° 694. 2017.

<sup>30</sup> Musachi, G., *Fantasmas colectivos. Clínica del sujeto*. Buenos Aires: Universidad Nacional de General San Martín. 2015.

## Identificações

Lacan anota: “Seguro que os seres humanos se identificam com um grupo. Quando não o fazem, estão arruinados, estão para interna-se. Mas não digo com isto a que ponto do grupo tem que se identificar”.<sup>31</sup>

Stevens<sup>32</sup> afirma que no processo de busca e construção de uma saída para a adolescência podem-se apresentar múltiplas “situações intermediárias” e que “há uma que é muito clara: a identificação com o grupo de adolescentes”. Lacadée assinala que hoje muitos adolescentes “constroem seu universo no seio do clã ou”.<sup>33</sup>

Graciela Brodsky assinala que frente à relação com o Outro, a necessidade de inserir-se no Outro, o sujeito se encontra, de alguma maneira, em posição de dizer “não” ou de dizer “sim”. O sujeito que diz ‘não’ compartilha com os outros “sua qualidade de objetos caídos na cena do mundo”, que é o que podemos observar no caso de alguns adolescentes em relação ao seu pertencimento a algumas das chamadas “tribos urbanas” ou outro agrupamento<sup>34</sup>. Aqui está em jogo todo o problema da separação e da alienação, temática central na experiência adolescente.

## Para concluir

Se em seu momento, Freud assinalou a importância e a necessidade de que a cultura ajudasse ao adolescente no processo de desprendimento, Lacadée afirma que “o adolescente deve inventar sua própria abertura significativa para a sociedade”. Apoiando-se na análise que faz da obra poética de Rimbaud, situa o referente desta abertura significativa com a metáfora da janela da casa familiar, quadro onde apoiar-se para sustentar a perspectiva a partir da qual operar esta separação. Com este apoio se situa o *ponto desde onde* permite ao adolescente não

---

<sup>31</sup> Lacan, J., “El seminario 22”, *op. cit.* Clase del 15-4-1975. (Inédito).

<sup>32</sup> Stevens, A., Nuevos síntomas en la adolescencia. Conferencia en la EOL- Rosario.

<sup>33</sup> Lacadée, Ph., Si los adolescentes son nuestro porvenir..., *op. cit.*, p. 66.

<sup>34</sup> Brodsky, G., Decir que no. Ponencia en las Jornadas Anuales de la EOL, Buenos Aires, 2007.

mais se ver como a criança que era, tomado no discurso familiar, e perceber, de maneira contingente, uma certa visão dele mesmo e do mundo.<sup>35</sup>

No *impasse* com o Outro, no bascular adolescente entre dizer sim ou não ao que vem Outro, entra em jogo a relação com os agrupamentos. Isto pode nos orientar em alguns casos para localizar o uso e a função que a vinculação com certos agrupamentos cumprem para um adolescente em particular, na perspectiva da identificação e a saída da adolescência.

Lacadée situa a tarefa fundamental do adolescente em termos de “encontrar o lugar e a fórmula”,<sup>36</sup> lugar que é outro, diferente ao que como criança ocupava na família e fórmula que podemos considerar como a de seu próprio desejo, diferente do desejo parental. A fórmula que será sua própria maneira, sua resposta, sua invenção para fazer com o gozo. Recordemos que para Lacan, a adolescência é por excelência o momento em que o sujeito passa da posição infantil de desejado à posição de colocar-se como desejante.<sup>37</sup> Cada um deve segurar sua fórmula de vida e dela terá que se fazer responsável. Os adolescentes fazem uso do que o Outro social lhes oferece hoje, mas, finalmente, é cada um, um por um, quem coloca em jogo ali sua singularidade.

---

<sup>35</sup> Cfr. Lacadée, Ph., Un yo apurado por encontrar el lugar y la fórmula, *op. cit.*

<sup>36</sup> *Ibidem.*

<sup>37</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 10. La angustia*. Buenos Aires: Paidós. 2006, p. 195.